

DESEJO E ESCRITA: Busca de Libertação

Francilda Araújo Inácio

Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba – CEFET-PB
e-mail: francilda@cefetpb.com.br

Francisco José Gomes Correia (Chico Viana)

Universidade Federal da Paraíba
e-mail: cviana@equipenet.com.br

Resumo

Este texto aborda questões relativas à Literatura e à Psicanálise, de modo a evidenciar o entrelaçamento entre elas, considerando, sobretudo, ser a primeira um meio de expressão do inconsciente, uma vez que sua linguagem, figurada, por excelência, é, muitas vezes, a única linguagem possível para descrever os processos psíquicos, revelando os desejos recalcados, as emoções contidas, os disfarces e as dissimulações.

Palavras-chave: Literatura. Desejo. Psicanálise.

1- Literatura e Psicanálise

A rigor, a literatura(...) foi sempre o lugar das grandes confissões, porque nela o desejo sempre expôs sua ânsia de realização. Escrever é desejar.

Affonso Romano de Sant'Anna

O homem, como ser desejante, necessita organizar suas forças psíquicas rumo a objetivos que pretende alcançar. As fantasias, os sonhos, as utopias articulam-se na esfera do desejo e exigem uma linguagem capaz de lhe dar expressão. A linguagem literária, por sua ambigüidade, “opacidade” e, sobretudo, por sua capacidade de traduzir os afetos e as emoções, parece melhor expressar as forças do inconsciente.

A linguagem do convívio social, a fala cotidiana, visa a uma função essencialmente utilitária, centrada na resposta imediata às necessidades do dia-a-dia, servindo unicamente para a ação: atende às demandas de comunicação, utilizando-se de signos cujos significados são mais ou menos evidentes. Desse modo, cada palavra é, sem dificuldade, decodificada por um interlocutor. O mesmo processo não ocorre com a linguagem literária, que, ao contrário, desafia a univocidade e a estabilidade do sentido, em nome da polissemia, e se insinua de forma lacunar, instaurando a “desordem”, e criando um código paralelo, marcado por ritmos e imagens que regem o estatuto da significação.

Freud⁶ observa que uma das partes da atividade mental humana é orientada no sentido de obter controle sobre o mundo externo real; uma outra, particular e altamente prezada pelo trabalho criativo, serve para a realização de desejos, ou melhor, para a satisfação substitutiva dos desejos reprimidos, que, desde os tempos da infância, latejam recalçados no inconsciente de cada um de nós.

Entre as criações cuja vinculação com o inconsciente sempre foi apontada estão os mitos e as obras da literatura imaginativa e da arte em geral, sobre as quais as pesquisas da psicanálise incidiram intensamente, conforme atestam trabalhos de Freud que versam sobre arte, literatura ou teoria da estética, tais como: “Sobre Édipo Rei e Hamlet, na carta 71, endereçada a Fliess (1897) e no capítulo V de *A Interpretação dos Sonhos* (1900); em “Delírios e Sonhos na ‘Gradiva’ de Jansen (1908); “Escritores criativos e devaneios” (1908); “Uma lembrança infantil de Leonardo da Vinci (1910); “O Moisés de Michelângelo (1914); “Dostoievsky e o parricídio” (1928), entre outros.

Quando se refere ao interesse psicanalítico do ponto de vista da ciência da estética, Freud⁷ declara que o artista procura libertar-se, isolando-se da realidade insatisfatória, através do mundo da imaginação e buscando oferecer idêntica libertação às pessoas que padecem dos mesmos desejos sofreados. As obras-de-arte seriam, portanto, expressões das satisfações imaginárias dos desejos inconscientes do artista.

O recalçado irrompe na representação de palavra, e não no conceito a esta vinculado; “por isso é que as coisas mais díspares são prontamente unidas numa idéia obsessiva, sob uma única palavra possuidora de mais de um significado.”⁸ Isto equivale a dizer que a ambigüidade e a polissemia das palavras é que registram e denunciam o conteúdo obsessivo e reprimido. Na literatura, pela imprecisão, pela reiteração ou pela polivalência do signo, patenteia-se uma modalidade de efeito criativo que apazigua desejos não-realizados do autor e, conseqüentemente, o faz também em relação ao leitor.

Assim, o artista representa, segundo o mestre vienense⁹, suas forças íntimas, plenas de desejo, como realizadas. Entretanto, tais forças só se tornam obra-de-arte após passarem por “modificações que atenuam o que nelas há de ofensivo, ocultando sua origem pessoal”. Ao obedecer às leis da beleza, o artista seduz outras pessoas com uma gratificação prazerosa. Por meio da criação, ele funde prazer e realidade, convertendo-a em realização literária, em prazer estético.

Juntamente com a instância de prazer oferecida pela arte, há outra que é muito mais poderosa, proveniente das fontes ocultas da libertação instintiva. O vínculo estabelecido entre as impressões da infância do artista e a história de sua vida, por um lado, e suas obras como reações a essas impressões, por outro, constitui um dos temas mais atraentes do estudo analítico. O escritor cria um mundo fantasioso, levado muito a sério, nele

⁶ FREUD, Sigmund. Uma breve descrição da psicanálise. In: _____. *Obras Completas*, vol. XIX. Ed. Standard Brasileira, Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 257.

⁷ IDEM. O interesse psicanalítico do ponto de vista da ciência e da estética. In: _____. *Op. cit.*, Vol. XIII, p. 222.

⁸ IDEM. Carta 79 dirigida a Fliess. Vol. I. In: _____. *Op. cit.*, p. 367. (datada de Viena em 22/ 12/1882).

⁹ IDEM. O interesse psicanalítico do ponto de vista da ciência e da estética. In: _____. *Op. cit.*, p. 222.

despendendo grande carga emotiva. Não obstante, ele estabelece uma nítida separação entre a realidade e a fantasia, que tem no texto o seu guardião, conforme salienta Bellemin-Noel.¹⁰

Sendo o texto literário um depositário de sonhos, lembranças, afetos, desejos e emoções, e esses elementos permeiam todo o discurso literário, é interessante recorrer a contribuições da Psicanálise, quando nos propomos analisar um texto de natureza literária, já que Literatura e Psicanálise possuem uma relação imediata e necessária com a linguagem. É através do artifício da palavra, tanto na experiência literária, como na analítica, que o sujeito-enunciador revela sempre mais do que supõe revelar.

Nesses casos, as verdades manifestam-se lingüisticamente, exibindo o desejo, que não aparece explicitamente, mas ecoa nas ambigüidades, paradoxos, negações, disfarces, evidenciados na batalha com as palavras, fortes aliadas no desvelamento das confissões mais íntimas.

A Literatura, segundo a Psicanálise, oferece ao escritor uma chance de vencer, mesmo precariamente, o vazio da coisa (objeto perdido). Segundo Kristeva,¹¹ “isto se dá pela prosódia — linguagem além da linguagem, que insere no signo o ritmo e as aliterações dos processos semióticos” — e pela polissemia, “que desestabiliza a nomeação e, acumulando em torno de um signo uma pluralidade de conotações,” dá oportunidade ao sujeito de transpor o abismo e nomear esse inexplicável instalado no seu interior. Essa coisa seria o “...outro absoluto do sujeito, que se trata de reencontrar”, aquilo que é indeterminado e inapreensível, reencontrado, no máximo, como saudade¹².

Desse modo, a Literatura, bem como as demais artes, parece apontar ao artista caminhos que o levam à obtenção da capacidade de domínio sobre a coisa perdida; a partir dela, o escritor busca exorcizar seus demônios, aplacar seus temores, identificar-se com o “desconhecido”, procurando, sobretudo, compreender-se. É por intermédio da literatura que nos tornamos conscientes de nossa humanidade. Somente com algo como ela é que o homem se questiona, questiona o seu destino cósmico, sua história, sua existência, enfim.

Dentre as múltiplas trajetórias utilizadas pela crítica, a Psicanálise caracteriza-se por apontar a leitura daquilo que o discurso não revela, dos espaços lacunares, dos silêncios textuais, atribuindo relevância ao que, fora da ótica freudiana, era considerado irrelevante: elementos lingüísticos aparentemente sem importância, mas, por isso mesmo, fontes reveladoras do inconsciente.

E se a Literatura expressa as forças do inconsciente e a Psicanálise teoriza sobre este, a aproximação entre elas tende a ser profícua, desde que se atente para o fato de que não se deve buscar na obra literária a sua interpretação última e definitiva, com

¹⁰ BELLEMIN-NÖEL, Jean. *Psicanálise e Literatura*. Tradução de Álvaro Lorencini e Sandra Nitri. São Paulo: Cultrix, 1983, p.94.

¹¹ KRISTEVA, Julia. *Sol Negro: depressão e melancolia*. Trad. de Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1989, p. 95.

¹² LACAN, *apud* VIANA, Chico. *O Evangelho da podridão: culpa e melancolia em Augusto dos Anjos*. João Pessoa: UFPB, 1994, p. 38.

base teórica em Freud e seguidores, mas procurar abordá-la enquanto obra de linguagem, detendo-se em seus aspectos lingüísticos e concedendo a devida importância aos significantes, aos símbolos, às figuras, às manifestações discursivas, que o caracterizam como tal.

Referências Bibliográficas

- [1] AMORIM, William de Sousa. *O Amor em Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*. Recife: UFPE. Dissertação de Mestrado. (mimeo), 1995.
- [2] BELLEMIN-NÖEL, Jean. *Psicanálise e Literatura*. Tradução de Álvaro Lorencini e Sandra Nitrini. São Paulo: Cultrix, 1983.
- [3] FREUD, Sigmund. *Obras Completas*. Ed Standard Brasileira, Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- [4] KRISTEVA, Julia. *Sol Negro: depressão e melancolia*. Trad. de Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- [5] VIANA, Chico. *O Evangelho da podridão: culpa e melancolia em Augusto dos Anjos*, João Pessoa: UFPB, 1994.